

A percepção de estudantes de PLE sobre a marcação do parâmetro do sujeito nulo:

um estudo de caso no PEC-G (UFF)

Elaine Alves Santos Melo
Natália Cristina Nogueira Nolasco

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo estudar a percepção dos estudantes de Português Língua Estrangeira sobre as características da sintaxe da língua-alvo. Em específico, o objeto de estudo é o preenchimento ou não da posição do sujeito por estudantes francófonos que participaram, ao longo de 2023, do programa PEC-G, matriculados em turmas da Universidade Federal Fluminense. A fim de desenvolver a pesquisa, foram selecionadas seis redações escritas pelos alunos do PEC-G, no segundo semestre de 2023. Esses textos foram analisados, e deles foram retirados os dados de sujeitos nulos e plenos em contextos anafóricos, variáveis no português brasileiro. Posteriormente, eles foram codificados e submetidos ao Goldvarb-x. Os resultados evidenciam que: (i) os alunos, a depender do tempo de exposição à língua-alvo, passam a produzir construções com sujeito nulo; (ii) é importante que o profissional dessa área reconheça as características das sintaxes da língua-alvo, mas também da língua materna dos estudantes, a fim de intervir em questões específicas que podem auxiliar o aluno no processo de aprendizagem da L2. O trabalho contribui com o ensino de língua estrangeira e com as discussões sobre a parametrização das línguas naturais.

PALAVRAS-CHAVE: Parâmetro do sujeito nulo. Português língua estrangeira. Ensino de língua não materna.

ABSTRACT: This work aims to study the perception of students of Portuguese as a Foreign Language about the characteristics of the syntax of the target language. Specifically, the object of study is the filling or not of the subject position by French-speaking students who participated, throughout 2023, in the PEC-G program, enrolled in class at the Fluminense Federal university. In order to develop the research, six essays written by PEC-G students were selected in the second semester of 2023. These texts were analyzed and from them were extracted the data of null and full subjects in anaphoric contexts that are variable in Brazilian Portuguese. The results show that it is important for the professional in this area to recognize the characteristics of the syntaxes of the target language, but also of the student's no-mother language in order to intervene in specific issues that can help the student in the learning process of L2. The work contributes to the teaching of no-mother language and to discussions on the parametrization of natural language.

KEYWORDS: Null Subject Parameter. Portuguese as a foreign language. No-mother language teaching.

1 INTRODUÇÃO

O Parâmetro do Sujeito Nulo¹ no português brasileiro tem sofrido mudanças significativas, como apontado por diversos estudos (Veríssimo, 2017; Duarte, 1993; 2019). Em linhas gerais, pode-se dizer que nessa gramática há uma tendência a preencher a posição do sujeito independente de ser ele de referência [+definida], [-definida], mas há ainda poucas evidências de construções em que a posição de sujeito seja preenchida por um pronome sem referência (cf. Vitral; Ramos, 2006). Interessa-nos, para este trabalho, o debate acerca do preenchimento da posição de sujeito de terceira pessoa com a referência definida, em sentenças finitas.

Duarte (1993), em um estudo a partir de peças de teatro, mostra que, no final do século XX, há uma tendência a que o pronome expresso de referência definida comece a suplantiar a frequência de uso do pronome nulo. Segundo Duarte (2019), no português brasileiro, a mudança linguística não ocorre de maneira aleatória, e os estudos têm evidenciado que alguns contextos morfossintáticos condicionam o uso de pronomes nulos ou pronomes expressos. A autora afirma que as orações precedidas de antecedentes com a mesma função no mesmo período ou no próximo período, “favoreceriam o sujeito nulo, [...]”, enquanto antecedentes distantes (com orações intervenientes), ou com outra função, seriam contextos que mais prontamente implementariam o sujeito expresso” (Duarte, 2019, p.102-103). As alterações na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro seriam consequência da reorganização do seu paradigma pronominal a partir da inserção de *você* e *a gente* como pronomes pessoais do caso reto.

¹ Chomsky (1981), ao propor o modelo de estudos mentalistas das línguas naturais, postula que há dois princípios na Gramática Universal. O primeiro é comum a todas as línguas humanas e as aproxima: comumente chamado de Princípios. O segundo é responsável por diferenciá-las, os chamados Parâmetros. O Parâmetro do Sujeito Nulo determina se as categorias que ocupam a posição de sujeito são nulas ou plenas e quais contextos sintáticos, morfossintáticos ou morfossêmânticos acarretam a escolha dessas formas em competição.

Bezerra (2014), observando o francês, apresenta uma mudança do francês antigo para o atual, no qual há as desinências marcadas na fala, apenas na primeira e segunda pessoa do plural, que seriam correspondentes ao nós e vós do português. Sendo assim, dada a ausência de marcas flexionais, a nova gramática internalizada pelos franceses fixa a ordem do sujeito em posição anteposta ao verbo e preenche a posição do sujeito com pronomes, inclusive nos contextos em que não há qualquer referência para o sintagma que exerce a função de sujeito. Essas características são evidências da emergência de uma gramática em que o preenchimento da posição do sujeito é necessário para evidenciar as posições na derivação sintática onde estão os traços.

Neste trabalho, objetiva-se observar os padrões de preenchimento da posição do sujeito em textos escritos por africanos francófonos aprendizes de português brasileiro. Consoante Bezerra (2014), na língua oficial, os estudantes francófonos sempre preenchem a posição de sujeito. Assim, considerando que eles estiveram em contexto de imersão no Brasil, nos questionamos sobre como será realizado o sujeito no contexto morfossintático em que a gramática do Português brasileiro mais preenche essa posição sintática: sujeito de terceira pessoa de referência definida. A hipótese é que a realização de sujeito nulo por falantes africanos francófonos, em contexto de imersão, pode ser uma evidência da atuação da gramática da L2, ou seja, a percepção dos estudantes acerca da estrutura das sentenças da língua-alvo.

A fim de desenvolver este trabalho, foram tomados os pressupostos da Teoria de Variação Paramétrica (Tarallo; Kato, 2007) e a sua metodologia quantitativa e qualitativa. Os dados foram coletados, codificados e submetidos ao GOLDVARB-X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2001) para que pudessem ser feitos a análise de frequência de uso e o tratamento qualitativo dos resultados. A amostra é constituída por seis redações escritas por estudantes do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (doravante PEC-G), matriculados no curso oferecido pela Universidade Federal Fluminense no ano de 2023. Todos os informantes são oriundos de ex-colônias francesas na África, falantes de francês e de outras línguas maternas de origem Bantu e Niger-Congo, conforme tabela 1. Os alunos estudaram o Português

brasileiro em contexto de imersão no estado do Rio de Janeiro, morando no município de Niterói, onde frequentaram as aulas na Universidade Federal Fluminense.

Tabela 1. Informações sobre o grupo selecionado

Informantes	Idade	Língua da família	Outras línguas	Tronco/família linguística	País	Cidade	Resultado Celpe-BRAS
A - Homem	19	Kikongo	Lingala	Bantu (Lingala - Niger Congo)	Rep. do Congo	Ponta Negra	Intermediário Superior
B - Mulher	20	Kikongo	Lingala	Bantu (Lingala - Niger Congo)	Rep. do Congo	Brazzaville	Intermediário
C - Homem	22	Kikongo	Lingala	Bantu (Lingala - Niger Congo)	Rep. do Congo	Ponta Negra	Reprovado
D - Mulher	21	Kwélé	Fang	Bantu	Gabão	Libreville	Intermediário
E - Homem	23	Nzébi	Fang/Kota/Koewle/punu	Bantu	Gabão	Libreville	Intermediário
F - Homem	23	Punu	Guisir/Vili	Bantu	Gabão	Libreville	Intermediário Superior

Fonte: dados da pesquisa

Os alunos foram convidados a produzir um texto, para treinamento pedagógico, referente à questão 2 da prova do CELPE-BRAS aplicada em 2014 (Brasil, 2014). O comando solicitava que o candidato, após ouvir uma matéria sobre *Hot Spot*, escrevesse um texto em língua portuguesa sobre o movimento.

Essa atividade serviu como um ponto de partida para a análise que se segue. Deste modo, este artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, apresentam-se os pressupostos teóricos; a seguir serão apresentados alguns referenciais teóricos sobre o sujeito no Português brasileiro e os resultados do trabalho. Por fim, serão apresentadas as considerações finais.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A TEORIA DE VARIAÇÃO PARAMÉTRICA

A Teoria de Variação Paramétrica foi proposta por Kato e Tarallo (1989) com o objetivo de alinhar o raciocínio quantitativo comum às análises calcadas no arcabouço de Variação e

Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968) às proposições estruturais de uma Teoria linguística mentalista, o Gerativismo (Chomsky, 1981; 1986). Assim, para entender como a comunhão das duas teorias pode acontecer, é fundamental evidenciar alguns pressupostos de cada uma delas.

A Teoria Gerativa, um arcabouço de base mentalista, tem como objetivo central entender como se organiza a capacidade humana de gerar estruturas linguísticas (cf. Chomsky, 1986). Nesse arcabouço teórico, a Língua é entendida enquanto um componente mental, internalizado, inato à espécie humana, localizado no módulo da Faculdade da Linguagem. É nela que está a competência linguística, a Língua-I, que é externalizada a partir da performance de cada indivíduo, a Língua-E.

Com relação à Língua-I, pode-se dizer que ela é adquirida ainda na infância se a criança for exposta aos dados de *input* durante o período crítico de aquisição da linguagem: aproximadamente de zero à fase de início da puberdade. Nesse curto período de tempo, “a Gramática sai de um estágio Go – a gramática universal (GU) - em que há a faculdade da linguagem dotada da capacidade de internalizar qualquer Língua-I para G1 em que os falantes já conseguem produzir todos os tipos de sentença” (Melo, 2012, p. 63-64). Na GU, estão os Princípios e os Parâmetros. Conforme Kenedy (2021), os Princípios são iguais em todas as línguas, e a marcação dos Parâmetros está relacionada aos *inputs* que o indivíduo recebe no período crítico de aquisição da linguagem.

Ao longo da aquisição da linguagem, a GU absorve informações da língua do ambiente em que a criança está inserida, a fim de formatar seus Parâmetros. Depois de passar por essas fases iniciais, os Parâmetros da língua-alvo estarão marcados pela GU, e assim o conhecimento da língua estará estabelecido na mente do indivíduo.

Segundo Duarte (1993; 2019), o Português brasileiro é uma gramática em que o Parâmetro do Sujeito é parcialmente nulo. Isto ocorre, segundo a autora, em virtude de essa língua estar passando por um processo de mudança linguística. Isto significa que, no Português brasileiro, há contextos sintáticos que seriam marcados com sujeito nulo em línguas em que há marcação positiva para esse Parâmetro, mas também há contextos

sintáticos que seriam marcados com sujeitos plenos em línguas cuja marcação negativa desse Parâmetro ocorreu durante a aquisição da linguagem.

A fim de desenvolver os seus trabalhos, Duarte adota os pressupostos de Weinreich, Labov e Herzog (1968), os quais defendem que: (i) a heterogeneidade linguística é ordenada; por consequência, a variabilidade não leva ao caos linguístico; (ii) todo processo de mudança linguística pressupõe uma fase de variação linguística; (iii) nem toda variação linguística acarretará mudança linguística.

A Teoria da Variação e Mudança pressupõe cinco problemas empíricos: restrições, transição, encaixamento, avaliação e implementação. A nós, por não ser o objeto de estudo deste trabalho a questão da mudança linguística, mas sim como ela impacta no processo de aprendizagem do português brasileiro por estrangeiros, interessa o primeiro dos problemas: as restrições.

As restrições dizem respeito a quais são os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem o uso de uma ou de outra forma. Em verdade, busca-se saber quais os condicionamentos que impactam na escolha inconsciente do informante de usar sujeito nulo ou pleno no Português brasileiro, uma língua que está sendo aprendida em contexto de imersão total. Nesse sentido, as restrições podem evidenciar, por exemplo, como melhor apresentar os conteúdos sobre a Sintaxe do Português aos estudantes francófonos. Foram controladas as seguintes restrições: traço de animacidade, tipo de oração, a posição do correferente do sujeito, a origem dos informantes e os seus resultados no exame do CELPE-BRAS.

A junção teórica desses distintos arcabouços teóricos é complexa de ser feita. Para Martins, Coelho e Cavalcante (2015), as contradições que permeiam a junção dos dois arcabouços teóricos incidem em duas direções: ser a variação intralinguística e a heterogeneidade inerente ao sistema em Variação e Mudança; e ser a variação interlinguística e não haver heterogeneidade inerente ao sistema em Teoria Gerativa. Na variação intralinguística, a mudança está diretamente ligada às relações sociais e culturais e ocorre dentro de um mesmo sistema linguístico, que, por ser heterogêneo, está sujeito à

mudança. No que concerne à variação interlinguística, a mudança acontece na fase da aquisição da linguagem quando o falante (re)interpreta os dados de *input* recebidos dos seus interlocutores. Este é um modelo, portanto, que pressupõe a mudança linguística como emergência de uma nova gramática.

Tarallo e Kato (2007) propõem um caminho para tornar essa junção compatível: aliar “as propriedades estruturais estudadas pelo modelo gerativista aos resultados de frequência de uso do modelo variacionista” (Martins, Coelho e Cavalcante, 2015, p. 226). Para os consagrados autores, “as línguas podem diferir não só quanto à marcação positiva ou negativa em relação a determinado parâmetro (uma diferença qualitativa), mas também quanto à frequência com que as propriedades relacionadas a tal parâmetro se manifestam (*uma propriedade quantitativa*²)” (Martins; Coelho; Cavalcante, 2015, p. 226). Por isso, o levantamento da frequência de uso é tão importante para a análise. Ele pode revelar as pistas para entender as propriedades paramétricas da língua internalizada.

Neste trabalho, por meio da observação da frequência de uso e das restrições que atingem ou não o preenchimento da posição do sujeito nas redações escolares, busca-se perceber se as propriedades do Parâmetro do Sujeito Nulo no Francês, uma língua de sujeito preenchido, interferem no processo de aprendizado do Português brasileiro, uma língua em que o preenchimento dessa posição é ora realizado por pronome pleno, ora realizado por pronome nulo.

3 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS: REVISÃO DA LITERATURA E RESULTADOS

Diversos estudos têm apontado para as mudanças na sintaxe do Português brasileiro que já fazem dessa língua uma gramática internalizada diferente daquela observada no Português Europeu moderno (Duarte, 2019; Melo, 2012). O Parâmetro do Sujeito Nulo é um dos contextos em que esse processo de mudança se mostra mais evidente, e suas mudanças incidem principalmente sobre: a pobreza flexional do PB, com conseqüente sincretismo do

² Grifo nosso

paradigma flexional e a tendência ao preenchimento da posição do sujeito. (Duarte 1993, 2019; Duarte; Marins, 2021).

São incontáveis os estudos que observam a ausência de concordância verbal no Português brasileiro (Santos, 2011; Lucchesi, 2015, entre outros). No que concerne aos aspectos diacrônicos, sabemos que toda a reorganização do sistema pronominal do Português brasileiro, que gera o sincretismo de morfologia para as pessoas gramaticais, decorre das entradas de *a gente* e *o você* no quadro de pronomes pessoais nominativos, bem como da não mais presença do pronome *vós* (cf. Lopes; Cavalcante, 2011). Todas essas mudanças tiveram início no século XIX, mas sistematicamente são encontradas cada vez com mais frequência a partir do início do século XX, especialmente, a partir da década de 1930 (cf. Duarte, 1993, 2019).

Segundo Duarte (2019), no PB, no que concerne aos sujeitos de referência definida, houve um declínio do sujeito nulo a partir de 1930. Entretanto, como qualquer processo de mudança linguística, as inovações entram no sistema da língua de forma paulatina. Isso significa que, ao longo do tempo, novos contextos de uso da forma inovadora passam a existir. Duarte (1993; 2019) evidencia que o aumento de sujeitos plenos se deu, primeiramente, nas 1ª e 2ª pessoas e, de forma bem mais lenta, na 3ª pessoa.

Para a autora, na terceira pessoa, o sujeito é, preferencialmente, nulo quando há contextos de correferência entre os sujeitos de uma oração principal e uma subordinada, como em (1a), e quando o antecedente do sujeito tem a mesma função em uma sentença adjacente, como em (1b):

(1) a. Diz [d. Zélia] que, depois de sua série de banhos de mar em Copacabana, talvez Ø volte novamente por aqui. (O hóspede do quarto n. 2, Armando Gonzaga 1937) (Duarte, 1993, p. 94).

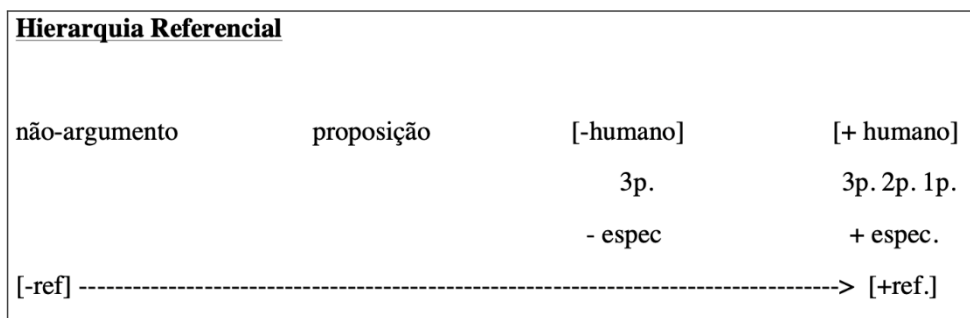
b. [tua filha] está moça e em idade de casar-se. Ø Casar-se-á, e terás um genro que exigirá a legítima de sua mulher. (O noivo, Martins Pena 1845) (Duarte, 1993, p. 94).

Por outro lado, ao longo do tempo, observa-se o aumento da frequência de uso de sujeitos preenchidos caso o antecedente esteja em outra função sintática, ou seja, em uma

posição menos acessível sintaticamente. Para Duarte, esse comportamento sintático do sujeito confirma a hipótese da relação entre a ausência da concordância verbal e o maior preenchimento da posição do sujeito. Em verdade, com a concordância verbal debilitada pelo sincretismo de formas pronominais, a identificação do sujeito nulo fica prejudicada, a menos que o correferente seja algum elemento na mesma função sintática.

Em Duarte (2019), encontramos outro fator importante que, quando controlado, tem se mostrado relevante para entender como está sendo implantado o preenchimento da posição do sujeito em contextos de terceira pessoa, no Português brasileiro. Referimo-nos ao traço de animacidade e ao traço de especificidade. Os resultados evidenciam que os sujeitos nulos se mostram mais resistentes quando possuem os traços [-animados/+específicos], em conformidade com a hierarquia referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000).

Figura 1. Hierarquia referencial



Fonte: Cyrino, Duarte e Kato (2000, p. 59)

Apresentados alguns estudos sobre a mudança no Parâmetro do Sujeito Nulo no Português brasileiro, e sabendo que o Francês é uma língua que preenche todas as posições do sujeito, vejamos como os nossos informantes estruturaram em suas redações o preenchimento ou não da posição do sujeito.

3.1 Os resultados

A fim de analisar os resultados encontrados, é preciso ressaltar que, para os estudantes francófonos, a novidade no processo de aprendizagem do Português brasileiro é o uso do sujeito nulo. Assim, todas as análises serão apresentadas considerando o aumento ou

não da frequência de uso de sujeitos nulos. Conforme a tabela abaixo, houve um total de 79 dados, em que majoritariamente o sujeito anafórico foi foneticamente realizado.

Tabela 2. Preenchimento da posição do sujeito

Preenchimento da posição do sujeito		
	N	%
Nulo	26	33%
Preenchido	53	67%
Total	79	

Fonte: dados da pesquisa

Essa primeira tabela parece confirmar nossas hipóteses iniciais, ou seja, o sujeito, como os destacados em (2), está sendo usado com maior frequência sob a forma foneticamente realizada.

(2) a. O movimento tem vários objetivos como, promover, divulgar ou mesmo motivar a produção creativa, isso desde 2007, com jovens que trabalhavam com muita criatividade permitindo hoje em dia a Hot Spot de juntar 11 areas creativas como a musica ou a fotografia incluindo a moda e de receber um prêmio nacional. [Informante A – Congo – Masculino].

b. As misturas criativas eram muito presentes e aí nós transformamos o que era o projeto Hotspot com prêmio nacional, em onze áreas criativas, a moda ta incluída. [Informante C – Congo – Masculino].

No que concerne ao tipo de verbo, os resultados indicam que a frequência de sujeito nulo aumenta consideravelmente diante de transitivos e cópulas, sendo também, relevante, quando há verbos intransitivos, respectivamente: 36%, 39% e 17%.

Tabela 3. Tipo de verbo em relação ao preenchimento da posição do sujeito

Tipo de verbo em relação ao preenchimento da posição do sujeito			
		Nulo	Preenchido
Transitivo	N	13	23
	%	36%	64%
Intransitivo	N	1	5
	%	17%	83%
Verb. Ligação	N	12	19
	%	39%	61%

Inacusativo	N	o	2
	%	o%	100%

Fonte: dados da pesquisa

Por outro lado, quando há verbos inacusativos, foi categórica a utilização de sujeitos anafóricos preenchidos. É interessante observar que o sujeito de um verbo inacusativo é um argumento interno, portanto, provavelmente, apresenta uma maior dificuldade de ser percebido pelo estudante no processo de aprendizagem da L2. Por isso, haveria a tendência ao não apagamento deste tipo de estrutura. A seguir podem ser vistos alguns dados por tipo de verbo: em (3a) um verbo transitivo, em (3b) uma cópula

(3) a. O acesso ao movimento é gratuito e aberto a tudo o público, assim pode pegar formatos diferente seguindo as cidades porque o movimento potencialisa a diversidade ou pegar outros formatos por causa do local que pode mesmo ser um teatro como no áudio. [Informante A – Congo – Masculino].

b. [-] É o maior festival do país, com o objetivo de invover, transformar, divulgar e motivar a produção criativa. [Informante B – Congo – Feminino].

A maior frequência de uso de sujeitos nulos diante de verbos transitivos e cópulas, talvez, seja consequência do fato de que essas duas tipologias verbais são as mais frequentes. Portanto, acreditamos que, quanto maior a frequência de exposição ao dado da língua-alvo, maior é a tendência a que o estudante produza a construção divergente da sua língua materna.

É interessante notar que, nos dados, apesar de não ter sido feito o controle estatístico, era perceptível uma alta frequência de concordância verbal. Tal quadro poderia levar a maior realização de sujeitos nulos, mas predominam na amostra os sujeitos plenos. Sampaio (2017) reforça que, no francês medieval, houve o enfraquecimento dos paradigmas flexionais e, por isso, há a tendência ao preenchimento da posição do sujeito na oralidade. Conforme Duarte (1993; 2003; 2019), o Português brasileiro segue caminho semelhante ao francês medieval, entretanto, não há ainda 100% de preenchimento da posição do sujeito.

Cabe aqui fazer uma menção ao fato de que, na escrita francesa atual, a que os alunos do PEC-G foram expostos durante os seus processos de escolarização, as regras de

concordância verbal do Francês ainda são aplicadas. Essa característica pode favorecer a manutenção da concordância nos textos escritos em português brasileiro, favorecendo uma menor regra de aplicação do sujeito preenchido diferentemente do francês, especialmente, diante das tipologias verbais mais produtivas.

Os resultados acerca do tipo de oração revelam que os sujeitos nulos, nesta amostra, são mais frequentes nas orações coordenadas, alcançando pela primeira vez mais de 50% das ocorrências. É interessante mencionar que Sampaio (2017) também evidencia que, nas orações coordenadas e subordinadas, em sua amostra de estudantes brasileiros que aprendiam francês, havia maior tendência ao apagamento do sujeito em orações coordenadas e subordinadas. O autor explica esses resultados pelo fato de que o sujeito é retomado na primeira coordenada ou na oração matriz, portanto, seu antecedente está próximo.

Tabela 4. Tipo sintático da oração em relação ao preenchimento da posição do sujeito

Tipo sintático da oração em relação ao preenchimento da posição do sujeito			
		Nulo	Preenchido
Matriz	N	5	12
	%	29%	71%
Subordinada	N	6	16
	%	27%	73%
Absoluta	N	1	10
	%	9%	91%
Coordenada	N	14	11
	%	56%	44%

Fonte: dados da pesquisa

Há, entretanto, uma diferença em relação às orações observadas por Sampaio (2017), pois o autor não controlou os sujeitos nulos em orações matrizes. No resultado deste trabalho, a frequência de sujeitos nulos em orações matrizes é quase idêntica à observada nas orações subordinadas. É preciso, entretanto, verificar qualitativamente em que posição está essa oração matriz, pois, se ela estiver invertida com a oração subordinada, é provável que o sujeito nulo esteja sendo favorecido pela presença de um antecedente na oração

subordinada adjacente. Esse controle, todavia, não foi realizado para este trabalho e será realizado em passos seguintes.

Cabe, entretanto, refletir mais um pouco sobre o uso de sujeitos nulos em orações matrizes. No italiano, uma língua marcada positivamente para o Parâmetro do Sujeito Nulo, não são possíveis sujeitos nulos em orações matrizes. No português brasileiro, uma língua de sujeito nulo parcial, já tem sido verificada a frequência de sujeitos nulos em orações matrizes (cf. Duarte; Marins, 2021). Parece, então, que a imersão dos estudantes no Brasil está impactando a percepção deles sobre os contextos sintáticos em que pode ocorrer ou não o pronome nulo na posição de sujeito.

Por fim, o contexto que menos favorece o uso de sujeitos nulos é a oração absoluta. Isso pode ser explicado pelo fato de que o referente da categoria vazia, obrigatoriamente, precisa estar em outro período sintático, dificultando a percepção do aluno sobre a possibilidade de apagá-lo e, portanto, favorecendo o uso de sujeitos plenos.

Acerca do condicionamento função sintática dos correferentes dos sujeitos anafóricos, Duarte (2003) afirma que referentes próximos e de mesma função sintática tendem a favorecer a manutenção do sujeito nulo no português brasileiro. Isso significa que esse é um dos contextos em que diminui a frequência de sujeitos plenos no português brasileiro. Nos dados em análise, verificamos que a maior frequência de entrada do sujeito nulo na escrita desses estudantes francófonos ocorre justamente nos contextos em que o sujeito anafórico retoma um termo antecedente que também exerce a função de sujeito. Nesses casos, há 45% de sujeitos nulos e 55% de sujeitos preenchidos. Por outro lado, quando consideradas todas as outras funções sintáticas, o que se observa é quase um comportamento categórico na direção do preenchimento da posição do sujeito, haja vista que só foram observados 2% de frequência de uso de sujeitos nulos.

Tabela 5. Função sintática do correferente do sujeito anafórico

Função sintática do correferente do sujeito anafórico			
		Nulo	Preenchido
Sujeito	N	25	30
	%	45%	55%
Outras funções sintáticas	N	1	19

	%	2%	98%
--	---	----	-----

Fonte: dados da pesquisa

O último resultado geral que vamos apresentar é a relação entre a animacidade do sujeito e o preenchimento da posição do sujeito. Como vimos em Cyrino, Duarte e Kato (2000), os sujeitos [-animados] são um contexto de resistência ao uso de sujeitos plenos no português brasileiro. Neste trabalho, controlamos a animacidade, separando os dados – em virtude do pequeno número – apenas em [+animado] e [-animado]. Conforme pode ser visto na tabela abaixo, os sujeitos [-animados] possuem maior tendência a serem realizados de forma nula. Esse resultado é mais uma vez interessante para ressaltar o impacto do contexto de imersão dos estudantes do PEC-G no Brasil. Eles estão recebendo *inputs* em que a maior frequência de sujeitos nulos está justamente diante de sujeitos [-animados] e estão usando a estratégia mais produtiva para aprender a construção inovadora em relação à língua francesa.

Tabela 6. Animacidade do sujeito em relação ao preenchimento da posição do sujeito

Animacidade do sujeito em relação ao preenchimento da posição do sujeito			
		Nulo	Preenchido
[+animado]	N	1	11
	%	8%	92%
[-animado]	N	25	38
	%	40%	60%

Fonte: dados da pesquisa

Considerando a hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000), cruzamos o fator traço de animacidade do sujeito com o tipo de verbo utilizado pelo estudante do CELPE-BRAS. Na tabela (7), observamos que nos sujeitos com traços [+animados], a maior incidência de sujeitos preenchidos encontra-se nos verbos transitivos.

Tabela 7. Animacidade do sujeito anafórico em relação ao tipo de verbo

Animacidade do sujeito anafórico em relação ao tipo de verbo					
			Transitivo	Intransitivo	Verbo de Ligação

[+animado]	Nulo	N	1	0	0
		%	25%	0%	0%
	Preenchido	N	3	4	4
		%	75%	100%	100%
[-animado]	Nulo	N	12	1	12
		%	38%	25%	44%
	Preenchido	N	20	3	15
		%	62%	75%	56%

Fonte: dados da pesquisa

Quanto aos sujeitos [-animado], corroborando a hierarquia de referencialidade, observamos um contexto mais variável para o uso de sujeitos nulos. Nesse ponto, talvez, seja interessante mais uma vez lembrar o valioso impacto do processo de imersão do estudante estrangeiro. É por meio do intenso contato com a língua-alvo que o aluno levanta as hipóteses – ainda que inconscientemente – para desenvolver a sua prática comunicativa na língua não materna. No caso dos estudantes do Programa PEC-G, matriculados na Universidade Federal Fluminense, em 2023, havia ainda a questão de serem todos multilíngues naturalmente, haja vista as distintas regiões étnicas de onde provinham.

Notemos que, mesmo sendo multilíngues, os estudantes conseguem perceber a sistematicidade de um fenômeno em mudança. Vejamos na tabela seguinte que novamente se destaca o uso de sujeitos nulos em contextos em que o referente está em outras funções sintáticas. Ressalta-se também que, embora a função sintática do referente anafórico seja relevante, parece ser o traço de animacidade ainda mais favorecedor à percepção dos contextos em que há sujeito nulo nessa língua. Notemos que, sendo o sujeito [-animado] e estando o referente em posição sintática distinta daquela ocupada pelo sujeito, há maior chance de o estudante aplicar a construção inovadora: o sujeito nulo.

Tabela 8. Função sintática do correferente do sujeito anafórico em relação a animacidade do sujeito

Função sintática do correferente do sujeito anafórico em relação a animacidade do sujeito				
			Sujeito	Outras funções sintáticas
[+animado]	Nulo	N	1	0
		%	14%	0%
	Preenchido	N	6	5
		%		

		%	86%	100%
[-animado]	Nulo	N	24	1
		%	50%	7%
	Preenchido	N	24	14
		%	50%	93%

Fonte: dados da pesquisa

Ao controlar a origem dos informantes, nota-se uma diferença na percepção dos dois grupos em relação ao uso do sujeito no português brasileiro. Os estudantes da República do Congo conseguiram usar sujeitos nulos em um número maior de contextos do que aqueles observados nos textos dos alunos provenientes do Gabão. Na tabela a seguir, notamos, na amostra de redações escritas por congoleses, que há sujeitos nulos [-animados] mas também [+animados]. Talvez, esse seja um indício de que a percepção desses estudantes esteja mais aguçada, já que eles conseguiram apagar o sujeito em um contexto em que cada vez mais o falante de português brasileiro preenche essa posição. No que concerne aos estudantes do Gabão, a estratégia inovadora - o uso do sujeito nulo – só foi selecionada no contexto em que os falantes de português brasileiro mais fazem o seu uso, ou seja, naqueles contextos em que ainda se verifica uma resistência ao uso da estratégia com sujeito pleno.

Tabela 9. Animacidade do sujeito anafórico em relação ao país dos informantes

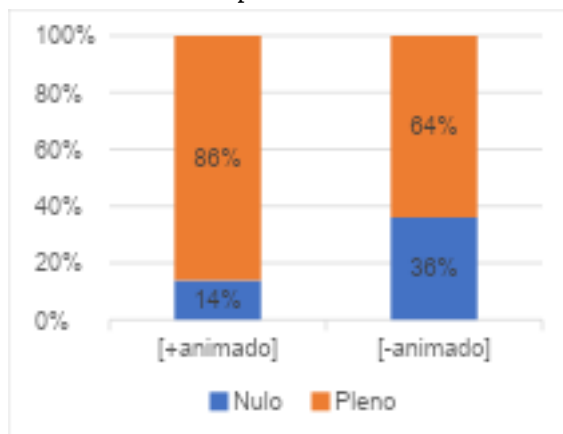
Animacidade do sujeito anafórico em relação ao país dos informantes				
			+animado	-animado
República do Congo	Nulo	N	1	15
		%	14%	44%
	Preenchido	N	6	19
		%	86%	56%
Gabão	Nulo	N	0	10
		%	0%	34%
	Preenchido	N	5	19
		%	100%	66%

Fonte: dados da pesquisa

Por fim, relacionamos o preenchimento ou não da posição do sujeito e o traço de animacidade do sujeito ao resultado que cada estudante obteve no exame do CELPE-BRAS aplicado em outubro de 2023. Em uma primeira observação dos gráficos a seguir, chamam a

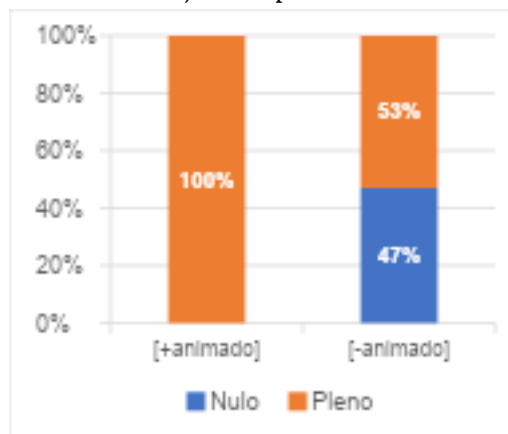
atenção dois pontos: (i) o estudante reprovado no exame somente realizou a estratégia inovadora do apagamento do sujeito em seu contexto mais produtivo no português brasileiro: [-animado]; (ii) os estudantes aprovados produzem sujeitos nulos tanto quando o traço de animacidade é [-animado] quanto quando o traço de animacidade é [+animado].

Gráfico 3. Nível de proficiência do Celpe-BRAS em relação a animacidade do sujeito: aprovados



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 4. Nível de proficiência do Celpe-BRAS em relação a animacidade do sujeito: reprovado



Fonte: dados da pesquisa

É possível que o estudante reprovado tenha tido mais dificuldade em absorver os *inputs* de sujeitos nulos a que foi submetido ao longo de oito meses no Brasil. No geral, como era esperado, os resultados evidenciaram que a incidência de sujeitos preenchidos foi superior aos sujeitos nulos, porém, sendo o primeiro contato com uma língua de sujeito parcialmente nulo, como vimos com Duarte (1993; 2003; 2019) e Duarte e Marins (2021), podemos considerar que os informantes tiveram sucesso no processo de observação inconsciente do Parâmetro do Sujeito Nulo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa apontam para a percepção dos aprendizes sobre como o Parâmetro do Sujeito Nulo é marcado no português brasileiro. Foi interessante observar como a frequência de uso da estratégia de sujeito pleno ou nulo está relacionada ao próprio

contato do estudante, imerso no Rio de Janeiro, com o português brasileiro. Isso porque os resultados apontam que a estratégia inovadora para um falante do francês – no caso, o sujeito nulo – está sendo usada com maior frequência nos contextos de maior resistência ao processo de mudança do português brasileiro em direção ao preenchimento da posição do sujeito.

Esses resultados abrem portas para refletirmos sobre como o conhecimento acerca da estrutura gramatical das línguas pode ser importante para o professor de português para estrangeiros. Em específico, a esse profissional é imprescindível reconhecer as características da sintaxe da língua-alvo – o português brasileiro no PEC-G (UFF) – mas também as características da sintaxe da língua materna do aluno. Saber, por exemplo, que um estudante com gramática não pro-drop internalizada precisa aprender uma língua-alvo pro-drop pode ajudar a elaborar exercícios que o levem a perceber os distintos contextos em que as formas inovadoras precisam ser utilizadas para a sua melhor fluência. Esperamos assim ter contribuído com mais um trabalho que visou falar da estrutura da sintaxe do Português, refletindo sobre as questões do ensino de língua não materna.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, J. S. **Do sujeito nulo ao sujeito pleno no Português do Brasil**: duas hipóteses para explicar o fenômeno. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras Português (licenciatura) da Universidade de Brasília, 2014.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/Inep. Caderno de questões - **Exame Celpe-Bras**. Brasília, DF, 2014.2. Disponível em: https://www.ufrgs.br/acervocelpebras/wp-content/uploads/2021/12/2014_2-Caderno-de-Questoes.pdf. Acesso em abril de 2024.

CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language**. New York: Praeger, 1986.

CYRINO, S. M.L.; DUARTE, M.E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A. & Negrão, E.V. (Eds.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Pontes, 1993. 107-128.

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da Conceição; DUARTE, M. Eugênia L. (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa: Faperj, 2003, 115-128.

DUARTE, M.E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Orgs. GALVES, C., KATO, M.A., & ROBERTS, I. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

DUARTE, M. E. L.; MARINS, J. E. Português brasileiro: língua de sujeito nulo 'parcial'?. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021021, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8661660. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661660>. Acesso em: 25 nov. 2024.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. 1. ed. 2013. São Paulo: Contexto, 2021.

LOPES C. R. S.; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. In: **Linguística**, 2011;25:30-65.

LUCCHESI, D. A variação na concordância verbal no português popular da cidade de Salvador. **Estudos Linguísticos e Literários**. Nº 52, ago-dez|2015, Salvador: pp. 166-204.

MARTINS, M. A.; COELHO, I. L.; CAVALCANTE, S. R. de O. Variação sintática e gerativismo. In: MARTINS, M. A. & ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 221-248.

MELO, E. A. S. **Construções com SE: evidências da emergência da gramática do português brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ-FL. 2012.

SAMPAIO, A. S. **A realização do sujeito pronominal em francês por aprendizes brasileiros**. 2017. IV. 132f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SANTOS, R. L. A.. Concordância verbal e suas variáveis. In: **Revista Interdisciplinar**. Ano VI, V.14, jul-dez de 2011 - ISSN 1980-8879 | p. 101-110.

SANKOFF, D.; SMITH, E.; TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb: A multivariate analysis application for Windows**. University of York: Department of Language and Linguistic Science and Computer Services, 2001.

TARALLO, F.; KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação inter- e intra-linguística. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, p.13-42, 2007. Disponível em: <https://revistas.uff.br/index.php/diadorim/article/view/3849>. Acesso em 17 de fevereiro de 2025.

VERÍSSIMO, V. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 76-90, 2017.

VITRAL, L.T.; RAMOS, J.M. Gramaticalização de 'Você': um caso de perda de conteúdo semântico, in: Vitral, L.T.; RAMOS, J.M. "Gramaticalização: uma abordagem formal". 1a ed. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968].

SOBRE AS AUTORAS:

Elaine Alves Santos Melo é Professora Adjunta de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC) do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF), docente da Pós-graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa da UFF e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - Linha 1 - da UFF. É Bacharel e Licenciada em Letras - Português-Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É mestra e doutora em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi professora da educação básica, tendo atuado na Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e em escolas privadas. É líder do Grupo de Estudos em Sintaxe (GESINT-UFF), onde desenvolve projetos de pesquisa, ensino e extensão. Tem como foco de pesquisa a sintaxe do português por um viés formalista, orientando trabalhos sobre ensino de Língua Portuguesa, mudança e descrição linguística.

Natália Cristina Nogueira Nolasco é licenciada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal Fluminense, onde também realizou a Especialização em Língua Portuguesa. É membro do Grupo de Estudos em Sintaxe (GESINT-UFF) e atua como professora de Português Língua Estrangeira.